

UM ESTUDO DO COSTUME ALIMENTAR EM POPULAÇÕES RIBEIRINHAS

PRISCILA SILVA DE CARVALHO E JOSUÉ DA COSTA SILVA

Centro de Estudo Interdisciplinar em Desenvolvimento Sustentável e Populações Tradicionais da Amazônia – CEDSA / Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR / BR 364, Km 9,5 – saída Acre

Palavras-chave: Hábitos alimentares, cultura e sustentabilidade

Área do Conhecimento: Social Aplicada

INTRODUÇÃO

Durante o período do ciclo econômico da borracha a ação dos donos dos seringais, os seringalistas, era a de manter o seringueiro de uma forma intensiva na atividade de extração do látex, evitava-se ao máximo consumir os produtos da floresta por falta de tempo para a coleta ou por desconhecimento do que a floresta poderia oferecer de frutos. Outro fator que vai causar grandes interferências no hábito alimentar é o fato do ciclo da borracha não ter permitido o desenvolvimento da agricultura. Restava ao trabalhador da seringa (látex) alimentos que fossem preparados com rapidez que é o caso dos produtos alimentares enlatados. A alimentação baseava-se quase que diariamente de enlatados ofertados e controlados pelo barracão. Somente na ausência dos produtos industrializados é que se consumia peixe ou outra caça qualquer.

Por muitos anos, durante a comercialização das muitas “pelas” de borracha produzidas no serigal, criou-se o costume de consumir alimentos que pudessem ser adquiridos pelo poder de compra (enlatados) ou pela extração dos recursos naturais (peixe e eventuais caças). O seringalista tem o controle do tempo de trabalho do seringueiro e o subjugava economicamente através de dívidas crescentes e impagáveis com o barracão. Apresenta-se então, um modelo econômico que limita drasticamente as alternativas alimentares de um grupo social, penaliza à uma condição de fome oculta tão bem descrita por Josué de Castro ao analisar a Amazônia.

Enfocando ecologia humana, as

pesquisas em torno dos hábitos alimentares são realizadas geralmente por antropólogos que buscam entender as características das condições de desenvolvimento e saúde da população, já que inúmeros comportamentos humanos se centram na comida. Como precisamos comer para viver, nenhum outro comportamento não automático se liga de modo tão íntimo à nossa sobrevivência (MINTZ, 2001). A questão alimentar leva a discussão da saúde e a relação com os hábitos alimentares. Desta forma, o conhecimento da origem dos hábitos alimentares e as transformações ocorridas ao longo dos anos, decorrente das mudanças socio-econômicas, representam um quadro sobre a atual saúde e qualidade de vida de populações ribeirinhas da Amazônia.

Apesar de vários fatores que se colocam desfavoráveis aos povos tradicionais da Amazônia como a ausência do poder público, sua exclusão no modelo de desenvolvimento, observamos que o modo de vida dessas comunidades quer seja ribeirinhas, extrativistas ou indígenas deixaram um valioso legado para a sociedade moderna: a integridade e diversidade do ambiente. Mesmo com a ocupação humana em baixa escala no meio da Floresta Amazônica, o modo de vida ali estabelecido necessitou da presença da floresta e isto proporcionou a salvaguarda da fauna e flora, pois a cultura do homem ribeirinho necessita da floresta “em pé” para que possa ser extraído e cultivado o seu sustento, da mesma forma, necessita dos rios e igarapés. As formulações do modo de vida e das relações estabelecidas com a natureza estão presentes na definição dos

hábitos alimentares em comunidades ribeirinhas.

OBJETIVO

O Presente estudo visa compreender a relação que existe entre o hábito alimentar das comunidades ribeirinhas do Rio Madeira, em Rondônia, com vistas a analisar o modo de vida e as condições de desenvolvimento e sustentabilidade dessas comunidades.

Os estudos de biólogos, agrônomos, geógrafos, ambientalistas e outros especialistas ao procurarem compreender o modo de vida das populações e a forma com que relacionam-se com a biodiversidade amazônica, contribuem para que seja os recursos naturais sejam explorados de forma consciente e orientada evitando o avanço de tecnologias e usos da terra que promovem o desmatamento com a implantação de modelos exploratórios de alto impacto. O resultado é positivo tanto para o ambiente quanto para as populações tradicionais por criar condições alternativas para o desenvolvimento sustentável (MORÁN, 1990).

METODOLOGIA

A Comunidade de Nazaré foi escolhida pelo grupo de pesquisadores da Universidade Federal de Rondônia para o desenvolvimento do Projeto Integrado de Pesquisa e Extensão para o Desenvolvimento Sustentável de Populações Tradicionais da Amazônia-Projeto Beradão, por ter o perfil histórico e cultural vivenciado pelas populações ribeirinhas da Amazônia.

Durante nossa ação investigativa, tínhamos como pressuposto que havia um elo entre a condição de desenvolvimento da comunidade e seu hábito alimentar, para isso foi de extrema importância criar uma relação de confiança com os moradores, o que permitiu o acompanhamento dos hábitos alimentares das famílias.

Para se atingir uma diminuição na desigualdade social e garantir uma oferta alimentar mais igualitária para toda população é necessário construir um processo de sustentabilidade em longo prazo e contínuo que seja garantido em quatro domínios: econômico, político, social e cultural. Desta forma, pessoas hoje e no

futuro protegerão e conservarão sistemas do meio ambiente (CALVALCANTI, 2002).

A pesquisa e sua aplicação tiveram como suporte a quotidianidade, considerando a historicidade de seus processos, nas situações em seu movimento e nas aproximações com a totalidade. Quanto ao conhecimento da realidade nos embasamos em um olhar etnográfico e por obras de pesquisadores que consideram o cotidiano como “locus” imprescindível na pesquisa. Procuramos através deste “olhar” etnográfico compreender a comunidade em seus mais amplos aspectos, buscando sua organização social e produtiva. Para isso, o Projeto Beradão (projeto interdisciplinar desenvolvidos por pesquisadores da Universidade de Rondônia atuando com comunidades ribeirinhas), nos deu todas as condições necessárias, desde o debate com o grupo de pesquisa nas suas mais diversas investigações até as estadias junto à comunidade. Com o decorrer da pesquisa, os moradores se interessaram pelo conteúdo do estudo e houve a participação no sentido de facilitar o desenvolvimento dos trabalhos.

Para a formação de nosso banco de dados, aplicou-se como método investigativo o uso de observações proporcionadas pela convivência com as famílias e que foram complementadas com a aplicação de entrevistas semi-estruturadas que poderiam ser re-orientadas a qualquer momento conforme o encaminhamento do diálogo e com a aplicação de entrevista com questionários fechados (MURRIETA – 1998).

A caracterização inicial e tida como senso comum era a que informava que o hábito alimentar do ribeirinho era formado pelo consumo de peixe e farinha e por isso gerador de grandes problemas nutricionais a serem resolvidos.

Das noventa e duas famílias da localidade, o Projeto Beradão aplicou questionário atendendo todas as famílias, formando banco de dados para caracterização sócio-econômica da comunidade. Para atender o sub-projeto “Hábitos Alimentares” foram aplicados um recordatório da alimentação de 24 horas – *food recall* e o inquérito da frequência alimentar, com isso coletando informações sobre possíveis deficiências de proteínas, carboidratos e vitaminas que podem levar a

doenças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para atender o sub-projeto “Hábitos Alimentares” 13 questionários foram aplicados. Durante as reuniões promovidas pelo Projeto Beradão com a comunidade foi apresentada a pesquisa de “Hábitos Alimentares”, sendo proposto a colaboração voluntária das famílias para aplicação do questionário recordatório de 24 horas. Com isso demos preferência as seguintes categorias sociais encontradas na localidade: agricultores, comerciantes, funcionários públicos, pescadores e aposentados.

Ao analisarmos os hábitos alimentares na comunidade de Nazaré percebemos que o mesmo se encontra centrado num costume que o grupo social tem, na sua forma mais conveniente, de utilizar o alimento em função da formação cultural surgidas pela miscigenação entre nordestinos e indígenas, e que influência na escolha, na aquisição e no preparo deste alimento (MORÁN, 1990; MACHADO, 1984 & MURRIETA, 1998). Para os habitantes desta comunidade que possuem uma trajetória vinculada a um longo processo extrativista, o da borracha, o ato de plantar, aparentemente ainda é um processo de transição. O resultado é uma produção agrícola insipiente e hábitos alimentares com forte herança dos tempos do barracão, marcado pelo freqüente e preferencialmente gosto pelos produtos alimentares industrializados. A mudança dos hábitos alimentares não se efetiva com a mudança do modo de produção. É mais lenta e não ocorre de um dia para o outro (FLANDRIN & MONTANARI, 1998)

Ficou evidente, quando houve a aplicação dos questionários, que o motivo maior na escolha de alimentos é a presença de recursos financeiros. Em função disto, três grupos sociais se destacam por diferenciar em seus hábitos alimentares: **os produtores** rurais, que podem estar na condição de alfabetizados ou não e que consomem os alimentos produzidos por eles mesmos, bem como os retira da floresta e dos rios, sendo a farinha e o peixe seu principal alimento; **os aposentados**, que consomem peixe e farinha, mas em função do benefício recebido, variam o cardápio alimentar com arroz, feijão, macarrão,

galinha (produzida em granja, congelada) e carne bovina; e **os funcionários públicos**, que costumam ter residência tanto em Porto Velho, quanto em Nazaré em função dos filhos em idade escolar, tendo hábitos dos outros grupos relacionados, mas também são em função de uma renda maior, pecuaristas, alguns criando cabras ou gado, o que corresponde a 5% dos moradores do Distrito. Outro fato levado em consideração na escolha de alimentos é o caráter emocional que alguns alimentos exercem caracterizando algum tipo de tabu alimentar, a exemplo do não consumo da carne de macaco por se parecer com o homem. E através do tabu o macaco, assim como várias outras espécies animais estão momentaneamente protegidas pela característica cultural e definição dos hábitos alimentares.

Permite-se avaliar que nestas condições algumas pessoas deixam de ingerir alimentos necessários para a manutenção orgânica, a exemplo do consumo de leite que é feito pelos que tem criação de cabras e vacas leiteiras, pelos recém-nascidos que consomem leite em pó ou de caixa ou pelos que dispõem de alguma renda. É importante notar que durante o período das cheias dos rios da Amazônia há a oferta frutos como o cupuaçu, o taperebá, a castanha-do-brasil e esta contém elevado teor de cálcio, sendo um dos alimentos responsáveis pelo não comprometimento na maior deficiência deste micronutriente, já que a maioria da população toma café, garapa de cana ou sucos de fruta durante o ano. A média de refeições é quatro, sendo encontrados casos de uma pessoa que faz apenas uma refeição e de famílias que fazem cinco refeições.

Dos alimentos criados, cultivados ou adquiridos em Porto Velho, há por parte dos moradores uma preferência aos alimentos que estão envolvidos nessa relação de compra e venda, tais como, o feijão, o arroz, o macarrão, biscoito, porém sem deixar a produção dos roçados e o cultivo de temperos nos chamados jirais, considerado por eles como hortaliças, não representando com isto um consumo de verduras, a exemplo da alface e do espinafre, que são ricos em ferro. Como o consumo de carnes vermelhas, (rico neste micronutriente na sua

forma mais biodisponível ao organismo), é baixa ou ausente em alguns casos, talvez o consumo desses vegetais estejam suprindo tal carência de ingestão, verificada nos inquéritos de frequência alimentar, possibilitando evitar a ocorrência de anemias que poderão ser a causa das deficiências de crescimento (nanismo), e baixo rendimento mental.

De acordo com o que foi visto, com relação ao consumo proteico, o peixe é o alimento principal na mesa da comunidade, seguida de carne de frango (produzido em granjas), depois de caça e por último a carne bovina.

Há o relato de um morador, pequeno produtor rural, que recorre ao consumo de castanha-do-brasil ou cana-de-açúcar e seus derivados por dias e assim evitando que passe pela sensação de fome. Porém esta monotonia alimentar pode levar a um caso grave de desnutrição, pela falta de princípios nutricionais essenciais, como o cálcio e ferro que são básicos para as funções bioquímicas e fisiológicas do corpo. Porém, ficando difícil identificar demais carências nutricionais com base na metodologia aplicada.

CONCLUSÕES

É importante que se esclareça a preocupação em distribuir corretamente os produtos alimentícios para consumo, aproveitando todas as suas partes comestíveis, e com isso beneficiar a saúde pública. Informar a importância da castanha-do-brasil, como alimento diário para a reposição de cálcio é uma ação de caráter educativo imediato para atuais e futuras gerações. Porém o que se vê do hábito alimentar desta comunidade é um fenômeno ligado exclusivamente a interesses econômicos, já que está muito acostumada ao hábito alimentar extrativista, sendo por isto, a realização do estudo científicos ligados ao tema, que demonstra o quanto a população absorve as modernidades e facilidades adquiridas pelo poder de compra e a dificuldade de aceitação do novo, no caso a agricultura de subsistência, numa cultura miscigenada, e que demonstra querer abandonar a cultura tradicional, mas que ainda não o fez, por não ter condições de aumentar a renda familiar e conseqüentemente mudar de hábitos

alimentares.

Em estudos deste gênero evita-se buscar soluções externas à comunidade. A visão do pesquisador, em função de sua historicidade e diferentes vivências, pode influir no modo de vida da comunidade de forma diretas ou indiretas, participativas ou não, benéficas ao grupo social ou não. O princípio ético básico é o respeito à diferença cultural permitindo aos moradores a escolha da opção em mudar. Contudo há a necessidade de compreender mais e estudar a ecologia humana das comunidades ribeirinhas para compreender as relações que o grupo social trava com a natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Clóvis. Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas. 4 ed – São Paulo: Cortez: Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2002.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. História da Alimentação. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

MACHADO, Paulo de Almeida. Ecologia humana. São Paulo. Cortez Editora, 1984.

MEGALE, Luiz Guilherme. O Planeta está de olho. Revista Veja – Ecologia, dezembro, 2002, Edição especial, n.º 22, p.12-19. ISSN 1677-0463

MINTZ, Sidney W. Comida e antropologia: uma breve revisão. *Rev. Brasileira de Ciências Sociais*, out. 2001, vol.16, n.º.47, p.31-42.

MORÁN, Emílio F. A ecologia humana das populações da Amazônia. Petrópolis/ RJ. Vozes. 1990

MURRIETA, Rui Sérgio Sereni. O dilema do papa-chibé: consumo alimentar, nutrição e práticas de intervenção na Ilha de Ituqui, baixo Amazonas, Pará. *Rev. Antropol.*, 1998, vol.41, n.º.1, p.97-150.